

Os futuros de Darcy Ribeiro

Andrés Kozel *

Fabrizio Pereira da Silva **

Apresentação

Darcy Ribeiro se interessou bastante por futurizar. O fez em registros e em momentos distintos, deixando seus exercícios de futurição articulados a predicções não necessariamente homogêneas ou somáveis entre si. O estudo sistemático desta faceta de sua obra é relevante por si mesma: Darcy Ribeiro é um autor clássico das ciências sociais latino-americanas. A relevância aumenta se considerarmos que o estudo de suas elaborações futuristas pode nos ajudar a circunscrever melhor aspectos chave da experiência latino-americana de “crise do tempo”, “mudança de regime de historicidade”, advento do “presentismo” (Hartog, 2007). As interrogações sobre a pertinência destas categorias e sobre a datação e caracterização do processo a que aludem constituem um objeto de estudo significativo, pleno de arestas debatíveis e, exatamente por isto, fascinante.

Além desta breve apresentação e de uma seção conclusiva, o presente estudo se organiza em quatro partes. Na primeira, se delineiam as coordenadas contextuais e conceituais a partir das quais propomos abordar os futuros de Darcy Ribeiro. Nas três partes seguintes se discutem, em ordem cronológica, três momentos das futurições darcianas. Na seção conclusiva se oferece um balanço: se apresenta uma hipótese em dois passos e uma reflexão,

* Pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) da Argentina, baseado no Laboratorio de Investigación en Ciencias Humanas da Universidad Nacional de San Martín (LICH-UNSAM). Doutor em Estudos Latino-Americanos pela UNAM (México), com estudos de pós-doutorado no El Colegio de México.

** Professor de Ciência Política de Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor da Maestría en Estudios Contemporáneos de América Latina da Universidad de la República (UdelaR). Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Pós-Doutor pelo Instituto de Estudios Avanzados da Universidad de Santiago de Chile (IDEA-USACH). Vice-diretor da *Wirapuru, revista latino-americana de estudios de las ideas*.

e se defende a vigência da inquietude futurizante e do ato de futurizar como imprescindíveis em sociedades que, como as nossas, sofrem de dificuldades para projetar-se ao futuro.¹

Sobre os futuros do passado e o presente sem futuro

O interesse de Darcy Ribeiro pelo futuro e as formas diversas pelas quais se expressou não deveriam a esta altura nos surpreender. Foram parte de uma sensibilidade de época cujos perfis já foram cartografados mais ou menos satisfatoriamente. Em 1967, num livro que nosso autor conheceu bem, Daniel Bell vinculava o ressurgimento do interesse no futuro a vários fatores: a fascinação que exercia a cifra 2000 – bruscamente percebida como próxima e interpelante –, o entusiasmo suscitado pela aventura espacial, a possibilidade de dispor de séries estatísticas sistemáticas, a valorização generalizada da planificação (Bell, 1969, pp. 29-30). A etapa se caracterizou não somente pela profusão de prospecções sistemáticas, mas também pela consolidação da ficção científica: contos, novelas, séries de televisão, filmes². Na América Latina destes anos, futurizaram com fervor José Luis de Ímaz, Óscar Varsavsky, Alfredo Calcagno, Jorge Ahumada, Héctor Hurtado, Carlos Domingo, Amílcar Herrera e sua equipe da Fundação Bariloche (Kozel, Patrouilleau, 2016). O nome de Darcy Ribeiro se deixa integrar sem problemas a essa lista.

Quanto à diversidade formal, Darcy se permitiu futurizar em passagens de suas obras teóricas, em explorações sistemáticas específicas, em declarações de ocasião, em um ensaio utopizante, em um romance de difícil classificação. Esta heterogeneidade tampouco deveria nos surpreender. Como toda obra portadora de certa densidade, a sua está atravessada por impulsos e disposições parcialmente contraditórios, além de mutáveis no tempo. Uma obra é, para dizê-lo de alguma maneira, uma bricolagem em movimento, a forja trabalhosa de uma equação simbólica instável, que vai alcançando formulações provisórias. Eventualmente,

¹ Uma versão um pouco mais longa deste artigo aparece como “Estudo preliminar” da antologia de textos darcyanos que, sob o título *Os futuros de Darcy Ribeiro*, foi publicada pela Elefante em 2022, ano do centenário de Darcy.

² Em 1968 apareceu *The Population Bomb*, de Erlich; alguns anos depois, *The Limits to Growth*, do casal Meadows e outros autores, que geraria a resposta latino-americana conhecida pelo nome triplo de *Catástrofe o Nueva Sociedad* ou *Modelo Bariloche* ou *Modelo Mundial Latinoamericano* (Herrera, 2007 [1977]). No começo dos anos 1960 havia surgido *Silent Spring*, de Rachel Carson. Sem sairmos do mundo anglófono, e a título meramente ilustrativo, podemos recordar também a circulação das obras de Robert Heinlein, Arthur C. Clarke e Isaac Asimov, o aparecimento de séries de televisão como *Star Trek*, a estreia de filmes como *Dr. Strangelove* e *2001: a Space Odyssey* (ambos dirigidos por Stanley Kubrick), ou *Silent Running* (dirigido por Douglas Trumbull).

algumas delas podem ser consideradas como mais características, ainda que não convenha pensá-las como definitivas, menos ainda como expressões de uma suposta “essência” autoral. Um “autor” é, em todo caso, uma unidade de propósitos problemática, um itinerário mais ou menos desgarrado, uma voz onde ressoam ecos de numerosas vozes com as quais a voz em questão conversa, sabendo ou não³. Em nenhum caso convém pensar os autores como essências nem as obras como desdobramentos plenamente coerentes de um plano inicial.

O estudo da série textual especificamente futurista de Darcy Ribeiro pode ilustrar tudo isto de maneira conveniente, além de oferecer (como adiantamos) um interesse adicional. O protagonismo intelectual e político do autor, o multifacético de seus interesses e a qualidade de suas elaborações se tornam no seu caso uma arena notável para aproximar-se dos modos pelos quais se foi processando simbolicamente uma mudança de época ou, para dizê-lo nos termos de François Hartog (2007), uma mudança de regime de historicidade⁴. Darcy Ribeiro não parecia se referir a algo distinto quando, numa consideração retrospectiva, falava da passagem da “revolução necessária” à “pequena utopia”. Em seu laconismo, esta fórmula condensa admiravelmente o que acaso ocorreu naquela conjuntura de meados da década de 1970, que em vários sentidos foi o portal de entrada em nosso tempo.

Como se recordará, Hartog localiza (não sem matizes) a mudança por volta de 1990; como tentaremos mostrar, no que concerne a vários aspectos decisivos, os ajustes e acomodações que se pode detectar na obra de Darcy Ribeiro parecem se antecipar mais de quinze anos a esta data. Em geral, e sem questionar a centralidade do momento 1990, pensamos que convém periodizar a (última?) experiência de “crise do tempo” recorrendo a esta dupla marcação. Isto, que possivelmente seja válido em geral, é decisivo quando nos dispomos a pensar a experiência latino-americana: em vários sentidos, o golpe de Estado de 1973 no Chile foi um choque que marcou a ruptura. Nem todos os atores o sentiram desta

³ Este modo de apreciar um itinerário-obra conta entre seus antecedentes maiores com o clássico estudo de Bajtin (2003) sobre Dostoievski. Além do mais, as tensões, torsões e matizes que cabe identificar em determinado itinerário podem ser interpretadas como indicativas de possíveis instabilidades axiológicas, da condição aporética das problemáticas tratadas, dos difíceis ajustes que o intelectual-*bricoleur* deve tentar entre seus propósitos primordiais (e o imperativo de coerência que deles derivam) e as mudanças na correlação de forças no campo respectivo, assim como na dinâmica sócio-política geral (Devés, Kozel, 2018).

⁴ Para Hartog, é possível que nos encontremos num novo “regime de historicidade”, distinto ao predominante na modernidade, que estava orientado pelo futuro. Este novo regime pode ser experimentado de duas maneiras, a partir da posição social ocupada. Para alguns, é o tempo dos fluxos, da aceleração, da mobilidade, dos projetos. Para a grande maioria (trabalhadores informais, excluídos, imigrantes, refugiados...), é um tempo transitório permanente: um presente sem passado e sem futuro real.

maneira; no entanto, com o passar dos anos, foi ficando claro que com o acontecimento se encerrou entre nós uma etapa histórica, caracterizada por uma relação mais ou menos específica com a temporalidade e suas dimensões.

Em termos gerais, o desmantelamento massivo de uma grande utopia estruturante coloca os pensadores afetados frente ao imperativo delicado de reinventar-se evitando os abismos da incoerência (enunciar algo que contradiz o que se dizia até ontem) e do anacronismo (seguir enunciando algo que não se ajusta às exigências da nova situação). Diferente daqueles que anunciam ruidosamente suas mudanças de posição e daqueles que se gabam de uma coerência a toda prova, Darcy Ribeiro tendeu a se perceber como alguém que conseguiu realizar a travessia mantendo uma relativa fidelidade a suas posições prévias. Há bastante acerto nesta autopercepção: ele foi ajustando seus pontos de vista de maneira gradual e sem abdicar por completo deles. No entanto, como veremos, houve deslocamentos, alguns significativos. O estudo destes ajustes permite apreciar um tipo de “microrrevolução semântica” (Egido, 2006), isto é, acomodações que não necessariamente foram presididas por gestos explícitos nem por uma vontade de reformulação integral, e sim coexistiram com persistências, inclusive com assincronismos um tanto desconcertantes⁵.

Tecnologismo e revolução necessária

Entre 1968 e 1972, Darcy Ribeiro publicou os cinco volumes que mais tarde se conheceriam como sua série de estudos de antropologia da civilização. Se trata, respectivamente, de *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural* (1968); *As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos* (1969); *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno* (1970, com antecedentes); *O dilema da América Latina: estruturas do poder e forças insurgentes* (1971); e *Os brasileiros: teoria do Brasil* (1972).

⁵ Não é nossa intenção abordar aqui todas as facetas do itinerário/obra de Darcy e seus possíveis usos e releituras; tampouco queremos reconstruir integralmente sua trajetória. A bibliografia sobre o autor é crescente, um indicativo de que sua obra segue nos interpelando. Ver, entre outros: Pereira Gomes (1992), Mignolo (1995), Ribeiro Coelho (2002), Gomes (2010), Heymann (2012), Miglievich-Ribeiro e Romera Junior (2015), Ribeiro Coelho e Rocca (2015), Kozel (2018; 2019), Vidal Costa (2021).

Recordemos que o autor concebeu os dois primeiros livros da série em seu exílio uruguaio. Havia chegado àquele país após o golpe de Estado de 1964 que depôs o presidente João Goulart, em cujo governo havia exercido altas funções. Se propôs, então, a escrever um livro que explicasse o que havia ocorrido no Brasil. O escreveu, mas não publicou: percebeu que o projeto era insuficiente e que era preciso repensá-lo inteiramente, para localizar o Brasil na América Latina, a América Latina no mundo, e o mundo no processo civilizatório.

Seguramente, por ter sido pensada e executada num lapso curto de tempo, a série de estudos de antropologia da civilização constitui um corpo relativamente compacto e consistente em termos conceituais. Vale a pena recordar que no final da década de 1960 Darcy Ribeiro retornou fugazmente ao Brasil, tendo estado preso por alguns meses. Logo se exilou de novo, na Venezuela, no Chile e no Peru. Durante sua passagem pelo Chile, concebeu *O dilema da América Latina*, quarto título da série, publicado em 1971.

Como indicamos, o primeiro volume da série foi *O processo civilizatório*. Uma de suas partes está dedicada à caracterização das “sociedades futuras”. A chave interpretativa de Darcy Ribeiro é tecnologista; seu olhar da história gira em torno do conceito de “revolução tecnológica”. Para pensar o futuro, se baseia em bibliografia sobre assuntos militares, espaciais e tecnológicos em sentido amplo⁶. Pergunta se iremos conceber as inovações de base termonuclear e eletrônica acumuladas desde a segunda guerra mundial como “impulsos aceleradores” ou como “uma nova revolução tecnológica”. Responde que parece tratar-se mais do segundo que do primeiro: a revolução termonuclear coloca a humanidade nas fases iniciais de um “novo processo civilizatório”. Vemos prefigurado aqui o conceito de “civilização emergente”, introduzido e trabalhado tempos depois. A ideia conexa da “nova revolução tecnológica” também reaparece em várias de suas obras posteriores.

A revolução em curso abre enormes possibilidades construtivas, mas também destrutivas e restritivas, que dão forma a uma situação de encruzilhada. Admitindo a dificuldade de formular prognósticos, o autor destaca o peso crescente da atividade científica, assim como a possibilidade e a necessidade de se começar a conduzir racionalmente o processo evolutivo. Tem em conta a acumulação de tensões que se irão gerando, que poderão conduzir ao rompimento da própria estrutura da sociedade. A transformação em questão não

⁶ Entre suas referências nesse sentido se destacam F. Sternberg; Morton H. Halperin e um livro compilado por Eli Ginzberg.

será igual em todas as sociedades. O autor a vislumbra mais harmoniosa nos países socialistas, habituados à planificação. A prevê mais conflitiva nos países capitalistas avançados, assim como nos países neocoloniais como os latino-americanos.

O Darcy Ribeiro de 1968 é majoritariamente otimista: considera, não sem lutas entre as tendências progressivas e os defensores dos privilégios, que a prosperidade se generalizará e se universalizará o socialismo. Surgirão, a nível mundial, formas novas de difusão dos progressos tecnológico-culturais, nem espoliadoras nem subordinantes. Quanto aos desafios futuros, se pergunta como será gerido o poder de compulsão social sobre a personalidade e como será conduzido racionalmente o processo de socialização. Perto do final do texto, recorda o contraste entre Tocqueville – temeroso das tendências despersonalizadoras e despóticas – e Marx – otimista em relação às possibilidades abertas pela prosperidade ordenada. Para este Darcy Ribeiro, o “futuro imediato” é o de Tocqueville ou o de Marx, enquanto o “futuro distante” é inquestionavelmente o de Marx. Difícil de prever em suas características concretas, a sociedade futura de Darcy Ribeiro é uma sociedade socialista “de novo tipo”, onde as possibilidades de conhecer e atuar são ilimitadas e onde o homem já não é adjetivável étnica, racial ou regionalmente: é a civilização da humanidade⁷.

No ano seguinte, Darcy Ribeiro publicou *As Américas e a civilização*. De suas páginas desponta sua memorável tipologia dos povos extra-europeus, bem como sua caracterização do Brasil como “povo novo”, cujas façanhas não estão no passado, mas no porvir. Ali aparece também o conceito de “povo emergente”, uma noção que denota e conota questões distintas às carregadas por “civilização emergente” e que naquele momento não tinha maior aplicação na América Latina, integrada por povos “testemunho”, “transplantados” e “novos”.

Em *O dilema da América Latina*, de 1971, há um capítulo intitulado “As Américas no mundo”. Darcy Ribeiro contrasta indicadores de desenvolvimento das Américas prósperas e das deserdadas. Os das primeiras são oito vezes superiores e, de acordo com as séries estatísticas, cabe prever que serão mais com o passar do tempo. Empregando dados das Nações Unidas, o autor descreve desse modo um “abismo que se alarga”. Baseando-se nos cálculos e argumentos de S. Kuznets, sustenta que só há um caminho pelo qual a América

⁷ É interessante observar como este Darcy, desde uma perspectiva de esquerda, se aproxima de outras propostas que entreveram uma humanidade etnicamente fusionada, como a “civilização do universal” de Pierre Teilhard de Chardin ou a “raça cósmica” de José Vasconcelos.

Latina pode superar seu atraso: mobilizar vontades, esforços e recursos como o fizeram os países socialistas, em particular a União Soviética e a China. Deixar as coisas entregues a si mesmas suporia condenar-se ao atraso crescente. Darcy Ribeiro alinha suas avaliações com as de Herman Kahn e Anthony Wiener e menciona um interessante debate que houve sobre isto no Brasil⁸. Reafirma assim sua ideia de que não há soluções dentro do capitalismo, sendo o modelo socialista a “saída natural” ao subdesenvolvimento para os países da América Latina: só por meio do socialismo revolucionário pode romper-se, simultaneamente, com a dependência externa e a dominação classista interna (Ribeiro, 1971, pp. 68-72). Estas observações, ainda que se situem num registro distinto – o das projeções de séries estatísticas demográficas, econômicas, distributivas – às de *O processo civilizatório*, são na maior parte consistentes com elas e, a seu modo, são portadoras de futuridade.

Ainda nos tempos da Unidade Popular, Darcy Ribeiro deixou o Chile para se estabelecer no Peru de Velasco Alvarado. Num testemunho retrospectivo, Darcy Ribeiro afirmou ter futurizado no Peru de Velasco Alvarado. Nesses anos, concebeu e dirigiu o projeto denominado PER. 71/550, sediado no Centro de Estudos de Participação Popular (CENTRO) dentro da órbita do Sistema Nacional de Apoio à Mobilização Social (SINAMOS) e vinculado a espaços internacionais como a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Entre seus colaboradores, figuraram especialistas como Carlos de Senna Figueiredo, Abraham Guillén, Renzo Pi Hugarte, León Schujman, Benjamín Zacharias, Francisco Delich e Óscar Varsavsky (Vidal Costa, 2021). No entanto, até onde sabemos, não ficaram marcas textuais claras dessas mencionadas futurições.

Crise do tempo

Logo após o golpe de Estado chileno de setembro de 1973, e a convite do jornal *El Nacional* de Caracas, Darcy Ribeiro publicou suas “Venutopias 2003”, breve ensaio republicado em compilações posteriores (p. ex., Ribeiro, 1988a). “Venutopias 2003” é um texto muito importante para nós. Seu interesse radica basicamente em duas questões. Primeira, em suas considerações preliminares, reveladoras de sua lucidez para abordar os desafios tanto da

⁸ As projeções de Kahn e Wiener para a América Latina foram contestadas pelos tecnocratas brasileiros do chamado “milagre econômico”, que projetavam que o Brasil iria superar aquele abismo, não aprofundá-lo.

futurição quanto das características das sociedades em questão, Darcy Ribeiro se apropria do significativo “homem novo”, ainda que com matizes significativos em relação ao uso então predominante⁹. Afirma que, com o fim das práticas tradicionais orientadas a produzir personalidades equilibradas, se fará necessário criar formas artificiais de fazê-lo. Para produzir os equivalentes culturais das novas invenções tecnológicas, seria preciso desmontar e voltar a montar o ser humano, programá-lo: “estamos condenados a aceitar a necessidade de experimentar com o humano, assumindo os riscos que isso encerra” – escreve com ênfase –, para advertir em seguida: “um erro conduzirá ao risco de levar ao desastre toda a supertribo, por fim unificada” (Ribeiro, 1988a, p. 153). O “homem novo” será um homem programado: assim serão “os netos de nossos netos”, abomináveis desde nossos parâmetros, mas, talvez, mais fortes e eficazes, mais livres e criativos: pela primeira vez na história, o homem será não o produto da necessidade, mas o resultado de um projeto.

Segunda, o fato de que, enquanto as duas primeiras utopias para a Venezuela (venutopias) apresentadas (“Mais para mais” e “Mais para menos”) se mantêm na linha que viemos descrevendo – recorrendo a combinações de prospecções econômicas, demográficas e distributivas –, a terceira (“MAS” simplesmente, a sigla do Movimento ao Socialismo venezuelano) introduz uma novidade substantiva: a de propor para a Venezuela uma “utopia estética” inspirada nos índios makiritare (ou yekuanas); com isto, nosso autor “devolve” aos venezuelanos a existência pastoril “pela qual sempre suspiramos”, o “desejo de beleza” e o “acesso à sabedoria”. Até onde conseguimos ver, é a primeira vez que aparece na bricolagem em movimento de Darcy Ribeiro uma valoração desse tipo. Ainda que tenha visto os indígenas sempre com respeito e empatia, considerava que estavam condenados a permanecer na insignificância ou a evaporar-se nos meandros da “transfiguração étnica”¹⁰. Conclui o autor: “Perdoem-me os que pensam que proponho simplesmente *remakiritizar* a Venezuela. Minha imaginação formada nestes duros anos não tem potência para mais. E meu coração esgotado não deseja mais. Viva o MAS” (Ribeiro, 1988a, p. 158)¹¹.

⁹ O conceito pode ser encontrado em diversas formulações de pensadores/militantes críticos da época: Ernesto Guevara, Frantz Fanon, Amílcar Cabral e tantos outros.

¹⁰ A transfiguração étnica é o elemento chave para a formação de “povos novos”. Tipos mestiços como os filhos de brancos e índias não são aceitos como brancos e não se consideram índios. Ocorre o mesmo com as novas gerações de negros escravizados, já desafricanizadas pela escravidão: se são frutos de relações de brancos com negras, não podem definir-se como brancos e não querem definir-se como africanos. Estas duas “ninguendades” são a base para os povos novos, a conclusão daqueles processos de transfigurações étnicas.

¹¹ Ao que parece, o jornal retirou a última frase naquela primeira edição do ensaio.

Esta peculiaríssima futurição se sustenta sobre algo que já houve e que poderia retornar em novas condições. A aparição intempestiva do indígena num cenário de futuro desejável possui uma enorme relevância para nós. Nos sugere a conveniência de situar aqui a “quebra” de uma determinada experiência da temporalidade. A imagem de ser humano que ali se projeta é contraditória ou complementar em relação à do “homem novo programado”? Dá toda a impressão de que esta venutopia estética (que vem associada a comentários críticos sobre a condição alienante das formas de produção e consumo prevalentes) cumpre antes de tudo uma função crítica, libertadora, catártica; a frase conclusiva nos autoriza a pensar assim. Contudo, há textos darcyanos dessa época e ainda posteriores que tematizam esta questão de outros modos, ou que diretamente não a tratam. A isso nos referíamos ao falar anteriormente de assincronismos.

Tendo sido diagnosticado com um câncer quando residia no Peru de Velasco Alvarado, Darcy Ribeiro retornou ao Brasil. A ditadura o permitiu, possivelmente supondo que logo morreria. Não obstante, se recuperou. Teve que retirar-se mais uma vez, mas retornou pouco depois. Estabelecido definitivamente no Brasil em 1976, retomou a atividade política. Nos anos 1980 foi vice-governador do estado do Rio de Janeiro, acompanhando Leonel Brizola.

A partir de 1976, escreveu quatro romances e publicou alguns ensaios nos quais, colocado frente à necessidade de maiores fundamentações, remetia seus leitores à série de 1968-1972. Deixando de lado sua obra literária, nenhum dos materiais publicados a partir de então pode comparar-se, em ambição e dimensões, com os da série de 1968-1972. A única exceção é o livro *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), que Darcy Ribeiro devia a si mesmo desde meados dos anos 1960, e que publicou aos 70 anos depois de experimentar uma segunda desistência em torno de sua elaboração no começo dos anos 1970. Com isso, a pentalogia se tornou hexalogia, ainda que de uma forma especial. Submetido a intensas reescrituras, aquele livro sobre o Brasil “foi e não foi” o previsto originalmente, de modo que “faz e não faz” parte da série. Havia passado um quarto de século.

Na pentalogia de 1968-1972, Darcy Ribeiro havia destacado, e buscado explicar, a condição subdesenvolvida e dependente das sociedades latino-americanas, bem como o caráter alienado e espúrio de sua cultura. Nesses estudos, nem a América Latina, nem o Brasil, nem as etnias indígenas tenderam a ser conceituados como culturas especialmente valiosas nem como civilizações específicas. Após seu retorno ao Brasil, dá impressão de que Darcy

Ribeiro foi adentrando num caminho distinto, mais ligado às possibilidades contidas em “Venutopias 2003”. Por um lado, pôs crescentemente em questão a avaliação positiva da experiência dos países mais avançados e dos supostos avanços associados à transformação civilizatória em gestação; por outro, se abriu para uma apreciação em chave positiva de uma série de características da América Latina, do Brasil e das etnias indígenas. Esta dinâmica pode ser ilustrada por distintas passagens de suas intervenções – por exemplo, em suas crescentes denúncias do eurocentrismo, e em sua proposta de entender o Brasil e a América Latina como a “nova Roma tropical”. Também, considerando algumas iniciativas concretas em sua atividade política – como seu apoio ao indígena xavante Mário Juruna (primeiro deputado indígena) e sua participação em projetos como o Sambódromo do Rio de Janeiro e o Memorial da América Latina de São Paulo, ambas obras a cargo de Oscar Niemeyer.

No entanto, não se deve perder de vista que se trata de uma dinâmica sinuosa e sutil, que, além disso, coexiste com a alusão constante a suas propostas anteriores. Como antecipamos, o conceito de “microrrevolução semântica”, introduzido por Luciano Egido (2006, p. 34) para pensar dinâmicas identificáveis no itinerário do último Unamuno pode ser produtivo para dar conta de processos assim: ainda que inegáveis, os deslizamentos semânticos e o aparecimento de certas novidades não são indicativos de um desmantelamento massivo dos pontos de vista prévios nem, tampouco, de sua reformulação integral semântica.

O movimento é a tal ponto perceptível que leitores mais próximos de nós falam, por exemplo, de um Darcy Ribeiro indigenista ou da América Latina como “civilização emergente” – inclusive se encontram reapropriações de sua obra em chave decolonial (Mignolo, 1995; Colombres, 2008; Devine Guzmán, 2009). Estes estudiosos consideram não tanto os conteúdos de sua pentalogia (por vezes, os títulos ou certas fórmulas isoladas), e mais seus aportes posteriores a 1975. Provavelmente, se trata de um Darcy Ribeiro mais próximo de nossos interesses. Mas é preciso admitir que este é só um dos Darcy Ribeiro possíveis. Um dos nossos aportes aqui é localizar quando e de que complexas formas despontou a modulação que, de alguma maneira, o desdobrou ou o transfigurou. Mencionamos 1973; consideremos o esgotamento do processo peruano; a experiência da doença possivelmente terminal; o retorno a um país ainda em ditadura.

Os romances *Maíra* (1976) e *Utopia selvagem. Saudades da inocência perdida. Uma fábula* (1982) são elaborações artísticas das experiências do autor com distintas tribos brasileiras, com as quais havia convivido na década de 1950, depois de graduar-se como antropólogo. Ambas as obras não devem ser contrastadas somente com sua obra científica (a penta/hexalogia), mas adicionalmente devem ser inseridas na tradição do romance de tema indígena no Brasil, em particular *Macunaíma*, de Mário de Andrade (um excelente panorama a respeito pode ser consultado em Oliva dos Santos, 2009).

Vamos restringir nossos comentários a *Utopia selvagem*. A narração se centra nas peripécias na selva do tenente Gasparino Carvalhall, que vai mudando de identidade ao longo de sua aventura entre as icamiabas (amazonas) primeiro e entre os índios galibis ou kali'na depois. Com os galibis também vivem duas monjas, uma protestante (“velha e feia”) e outra católica (“jovem e linda”). A história é narrada majoritariamente em terceira pessoa (ainda que os personagens, em particular Carvalhall, tomem a palavra com frequência), e são habituais as intervenções do narrador sob a forma de digressões, às vezes extensas, introduzidas com fórmulas do tipo: “Aqui entre nós, leitor/a...”; “Falemos sério, leitor/a...”.

Apresentada como fábula, *Utopia selvagem* não possui uma moral da história em sentido estrito. Prevalece uma atmosfera hilariante e até delirante, na qual o caapi (ayahuasca) é protagonista central, especialmente na segunda parte. O efeito buscado parece ser a desestabilização das certezas do leitor. A palavra utopia, presente no próprio título, bem como dois capítulos de incríveis projeções, intitulados “Brasis” (no qual são apresentados em contraponto o Brasil das monjas e o do tenente) e “Próspero”, conectam abertamente o romance com os afãs de futurição darcyanos. O extenso interlúdio alegórico intitulado “Próspero” interrompe a história para que o narrador caracterize a “Utopia Burguesa Multinacional” (UBM). Para fazê-lo, “se baseia” numas anotações de um espião da KGB, furtadas por um agente da CIA, que caíram nas mãos de um comandante cubano que as emprestou “ao meu amigo Pancho Guerra”, a quem o narrador encontrou durante uma viagem pelo México. A UBM se aproxima bastante de uma distopia: “Fé e Império se encarnam e se casam para serem gumes do mesmo gládio: o Imperador Impoluto e Próspero Informático” (Ribeiro, 2014, p. 109).

Satisfeitos seus prazeres elementares, os utopianos da UBM estão quase liberados da incomodidade de pensar e da dor de viver. Tudo neste capítulo é alegoria e delírio. Delírio alegórico; alegoria delirante:

cada pessoa, a partir dos dez anos de idade, tem implantado no pulso esquerdo um Televisor Ecumênico (TVE) e um Canal Fidibeque (CF). O Televisor Ecumênico dá acesso imediato a qualquer programa, filme, livro, curso ou informe que o utopiano deseje ou que lhe seja receitado. O Canal Fidibeque possibilita comunicação audiovisual direta com Próspero, seja para receber, seja para transmitir informações, opiniões, votos, opções, aulas, instruções e ordens. Serve, também, para solitários jogos orgâsmicos. Como um perfeito sistema leva e traz, o CF serve, ainda, para chamar a atenção do utopiano para algum tópico que interesse especialmente a Próspero, o que ele faz com apelo a recursos sônicos e eletrônicos. (...) Através deste instrumental é que, na Utopia, se garante a conscrição espontânea e alegre de toda a cidadania, tanto para o convívio ameno com seus semelhantes, como para o bom cumprimento dos deveres na esfera do trabalho, da produção e da educação (Ribeiro, 2014, pp. 112-114).

O sistema se ocupa da “super tarefa” de programar o *Homo Ciberneticus*, que sairá do matrimônio da engenharia genética com a cibernética frenética. De acordo com o narrador, foram as Corporações Multinacionais que cristalizaram e converteram em rotina o Milagre, fazendo dele uma Civilização. Dirigindo-se ao leitor, assinala que o que diz o documento pode referir-se ao Brasil de Carvalhall, ou ao das monjas: “onde estamos nesta confusão cubana?”. Prossegue: “A hipótese que ofereço a você como plausível é que se trata de um enésimo Brasil que devemos juntar aos já catalogados. Entretanto, não afasto completamente a possibilidade de se tratar de um logro” (Ribeiro, 2014, p. 123).

Neste mesmo sentido, é interessante revisar também o capítulo intitulado “Felicidade senil”, e considerar com especial atenção a seguinte passagem, talvez a mais próxima de uma moral da história que há na obra:

Mas não pense o leitor que advogo o retorno à Barbárie. Longe de mim tal disparate. O que tenho é uma incurável nostalgia de um mundo que bem podia ser, mas jamais foi e que eu nem sei como seria e se soubesse não diria. Verso estes jogos utópicos forrado de cautela. Suspeito muito que reformar a sociedade – desfazendo-a, para refazê-la melhorada –, embora indispensável, seja um trabalho muitíssimo arriscado e complicado. Muito mais, certamente, do que desmontar uma vaca e remontá-la, capaz de mugir melhor e dar bom leite. Stalin tentou e deu com os burros n’água, mas afiançou o socialismo, no cerco. Mao dobrou a parada de nossas esperanças enquanto praticou jardinagem, e vetou o mandarinato. Fidel, imprudente, insiste. Persistindo na loucura, acabará demonstrando que a Galibia Martiana há de florir. Eu torço pra dar certo: há de dar! Há de dar! – Muito bem. Tomara! Secunda, lá do Céu, Nosso Senhor Jesus Cristo, que afinal entrou na política (Ribeiro, 2014, p. 141).

Pequena utopia e incerteza

Publicado na revista *Nueva Sociedad* em meados de 1984, “La civilización emergente” é talvez o exercício de futurição mais recordado de Darcy Ribeiro. Em suas primeiras páginas, sintetiza a tipologia que havia apresentado em *As Américas e a civilização*. Preserva a valorização dos povos novos, como o Brasil, enquanto prefiguração de uma humanidade futura, mestiça e fraternal. Incorpora um elemento novo: à diferença do que se havia pensado “até recentemente”, os indígenas latino-americanos não necessariamente oscilarão entre a insignificância tribal e a assimilação anônima, mas tenderão a parecer-se com outros “povos emergentes” do mundo, que aspiram legitimamente a direção de seus destinos. Ao refletir sobre isto, prevê o surgimento de conflitos interétnicos na América, e recomenda favorecer a tendência à afirmação étnica:

Todo o conhecimento comparado de situações semelhantes, já ocorridas, nos autoriza a asseverar que – ao menos que se apele ao genocídio mais cruel – no futuro haverá mais pessoas com identidades étnicas diferenciadas do que existem hoje, que elas continuarão falando suas línguas e que suas singularidades étnico-culturais serão predominantemente afirmadas. Como o inevitável, se não é o melhor, pelo menos é o mais dissuasivo, o recomendável é favorecer essa tendência para não condenar povos já tão sofridos a um sofrimento maior.

Tudo isto é notável, já que não se trata somente de previsão incoativa e de preconização, mas também em boa parte de previsão verificada¹².

Crítico de qualquer tipo de disposição etnocida, Darcy Ribeiro se refere em chave positiva aos casos galês e basco. Paralelamente, menciona a suburbanização alucinada das grandes cidades latino-americanas, para prognosticar uma futura guerra das forças armadas contra as massas de jovens marginalizados. Anota que os trabalhadores imigrantes presentes na Europa vão definir-se como novas minorias étnicas emergentes. Como se pode ver, nosso autor retoma preocupações e categorias prévias, as ajusta, as *aggiorna*, se desloca, habita múltiplas assincronias.

A parte final do ensaio, intitulada “Revoluções culturais”, é fundamental. Ali são abordados diversos desafios diretamente derivados da revolução tecnológica em curso: o movimento verde; o movimento feminista; o movimento pacifista. Relaciona ao movimento

¹² Em seu exaustivo estudo sobre a profecia na obra de Ortega y Gasset, José Gaos (1992) perfilou uma série de distinções de alto refinamento: previsões, quase-previsões, corpos de previsões, previsões soltas, predições incoativas, profecias (entendidas como previsões verificadas), além de atender às modalidades lógicas e gramaticais das afirmações preditivas (categóricas, hipotéticas, disjuntivas...).

feminista a “anacronia irremediável” dos construtores básicos da personalidade e dos organizadores fundamentais da conduta humana: talvez estejam feridos de morte, estamos obrigados a refazê-los. Novamente, se pergunta se seremos capazes de reinventar a própria condição humana. Quanto à paz e à guerra, sustenta que não só a perspectiva de uma guerra terminal é uma ameaça: também o advento de uma nova e tétrica *Pax romana*. Assinala que o medo da paz une os senhores da guerra e os amos do lucro, e antecipa guerras protagonizadas por artefatos cibernéticos autoguiados. De novo, acerta em quase tudo.

Quanto à economia, destaca a incapacidade da economia mundial para implantar a prosperidade geral. Essa economia enlouquecida, desequilibrada e paranoica gera um imenso exército de mão de obra excedente. Os vínculos de dependência se reforçam. Os povos do Terceiro Mundo suspiram por uma pequena e modesta utopia inalcançável. Sua existência o permite imaginar uma revolução dos pobres. Entretanto, logo reconhece que, entregue à sua própria sorte, o pauperismo não faz revoluções sociais. Afastada essa possibilidade, tematiza outra ameaça, que o preocupa fortemente: uma era de fome e idiotização no marco de uma civilização obsoleta, de coração endurecido. Frente a esse panorama – afirma –, a vida dos povos pobres será uma batalha por ideais muito concretos. Uma batalha bela e árdua. Mais uma vez, parece ter conjecturado bem.

Num texto intitulado “O abominável homem novo”, resposta a um questionário enviado por um jornalista italiano e onde se retoma o tema do “homem novo”, Darcy Ribeiro perfila um futuro distante e outro intermediário. O distante poderá ser o do abominável homem novo, que talvez morra de fastio, ou terá que se refugiar nas “assombrosas possibilidades químico-espirituais de felicidade ersatz” oferecida pelas drogas (Ribeiro, 1988b, p. 57). O intermediário poderá corresponder à “Era da Grande Tarefa”, consistente em buscar a superação das distâncias abismais que separam os homens por suas condições materiais de existência: a batalha bela e árdua que acabamos de evocar. Como se pode observar, em relação ao futuro distante, segue pairando a pergunta acerca de como poderá seguir havendo vidas que valham a pena; na falta de um projeto de condução racional da história, talvez o homem não saiba o que fazer nem por que lutar. Há uma linha clara que liga a introdução de “Venutopias 2003”, o capítulo sobre a “Utopia burguesa multinacional” de *Utopia selvagem* – com sua referência, quase profética podemos agregar, ao matrimônio da engenharia genética com a cibernética frenética – e estas últimas considerações.

Enquanto isso, Darcy Ribeiro reuniu escritos sobre a América Latina e a defesa de sua integração no volume *América Latina: a Pátria Grande* (1986). O tom dos ensaios se sobrepõe a partes de *As Américas e a civilização*, segundo volume da série de 1968-1972. Nesta franja textual, se constata sobretudo muita convergência com as propostas do filósofo mexicano Leopoldo Zea e, em geral, com a retórica do latino-americanismo clássico. A chave para o futuro da região está na mestiçagem. Entre os elementos que nos unificam se destaca o legado da colonização ibérica. Dessa experiência, herdamos um papel subordinado e dependente no mundo. Capitalista e ocidental desde o começo, a América Latina – periferia do Ocidente – se manteve nessa condição após as independências. Esse passado deixou aspectos positivos: a unidade de tantos povos em vastos territórios devido à ação do mesmo “processo civilizatório”, e principalmente a mestiçagem. Apesar de originada de situações de exploração, genocídio e racismo, essa mestiçagem nos posiciona bem em relação ao futuro. Mais que isso: dada a combinação das heranças branca, negra e indígena, a América Latina poderia salvar o Ocidente, contribuindo para a gestação de uma nova civilização mais solidária, aberta, amorosa. O Brasil e toda a região são caracterizados como uma “nova Roma”. Somos pobres, mas acabamos de começar. Vale mais uma “pobreza inaugural” do que uma “opulência terminal”: nossa missão seria “refazer” o mundo.

Futuro tão fantástico não foi, evidentemente, o projeto dos colonizadores portugueses e espanhóis, que buscavam, antes de tudo, explorar empresas e gentes. A mestiçagem não derivou de nenhuma brandura ou doçura dos ibéricos: foi uma consequência não intencional. Darcy Ribeiro apresenta as elites da região como herdeiras dos colonizadores, e àquelas e a estes como canalhas, etnocidas, genocidas. Entretanto, os descreve também como portadores de um tipo de racismo distinto do anglo-saxão: o nosso estaria baseado na cor da pele; o outro, na herança genética. Não vamos adentrar agora neste debate terrivelmente espinhoso. O que nos importa é destacar que Darcy Ribeiro relaciona esta nossa ênfase na cor da pele com as estratégias de “embranquecimento” que estariam na base da criação de “povos novos”, por meio da mestiçagem. Estes pontos de vista introduzem certa tensão – que um olhar sistemático deveria elaborar – em relação à sua reivindicação dos processos de afirmação étnica, mais ligada a posições que hoje designaríamos como pluri ou interculturais. Dá toda a impressão de que, aos olhos do Darcy Ribeiro desta etapa, nossas sociedades seriam mestiças, contendo povos emergentes cuja afirmação deveria ser promovida.

Nesses escritos, parece que Darcy Ribeiro toma os pontos de vista de Gilberto Freyre – a quem admirava – sobre a mestiçagem e os inverte. De alguma maneira, Freyre é para Darcy o que Hegel foi para Marx; onde Freyre via um imenso Portugal ou uma imensa Ibéria, Darcy via o sonho de Bolívar a ponto de se tornar realidade. Isto porque Freyre enfatizava a agência do colonizador português, e de algum modo a entendia positivamente: era a mestiçagem original do português o que garantia um futuro grandioso ao Brasil como cume da civilização lusotropical. Para Darcy, a mestiçagem era obra da violência, consequência não intencional da colonização, e o Brasil – e a América Latina – tinham futuro como povos novos, mais que extensões renovadas de civilizações europeias. Além disso, se Freyre enfatizava a presença negra mais do que a indígena na formação brasileira, Darcy considerava mais o indígena em suas análises.

A partir da consecução da Pátria Grande, Darcy Ribeiro via a geração de um “novo Ocidente”, cuja missão seria humanizar o mundo e resgatar o gosto e a alegria de viver. Ao abordar estes temas, Darcy Ribeiro parece por momentos tornar-se mais messiânico, bastante próximo inclusive da sensibilidade de uma obra como *La raza cósmica* do pensador mexicano José Vasconcelos. Se o horizonte não é mais o da revolução, é o de um futuro grandioso para o Brasil e a América Latina e, mais além, o de uma renovação do Ocidente. Empregando a linguagem de Gaos, não é difícil constatar que este “corpo de previsões” não se verificou.

Darcy Ribeiro retomou abertamente esses temas em sua obra-testamento: *O povo brasileiro*. Este livro, pensado, repensado e abandonado e jogado fora tantas vezes, é possivelmente o trabalho mais poético do autor. Ademais, é um tipo de balanço pessoal: retoma elementos de sua imensa produção prévia, enquanto reelabora aspectos de seu pensamento. Nos interessa destacar como argumenta sobre a novidade do povo brasileiro: um povo que não deve pensar-se como uma repetição retardada do passado europeu, mas que tem que aspirar a um “novo futuro”. Porém, o novo é bloqueado pelo velho. Neste diagnóstico, os temas e motivos da série de 1968-1972 reaparecem. O povo brasileiro ainda não existe “para si”, pois desempenha o papel de proletariado externo no mercado mundial e de massa explorável para as classes dominantes locais que o oprimem. A contradição deve resolver-se para que este povo “em potência” possa finalmente sê-lo.

Vale a pena nos determos para examinar a parte conclusiva desse livro derradeiro, intitulada sugestivamente “O destino nacional”. Darcy Ribeiro se refere ali tanto ao Brasil

quanto à América Latina; convoca e mobiliza múltiplos motivos, desde a noção bolivariana do “pequeno gênero humano”, recriada e relançada em direção ao futuro, até a ideia de uma neolatinidade como grande bloco supranacional – sendo o Brasil sua maior nação – em meio a outros blocos, passando por uma adjetivação-profética de signo eminentemente favorável: nossa civilização neolatina será melhor, mais alegre, mais generosa. Notemos, de passagem, que persiste e se intensifica o uso instável do conceito de civilização. Civilização é tanto a civilização emergente devida à revolução tecnológica em curso (uso predominante em sua obra, baseado nas propostas do livro que abriu a pentalogia) como, dita em plural, cada um dos blocos supranacionais do mundo, entre eles o neolatino. A passagem seguinte condensa de maneira excelente as características principais do último dos futuros de Darcy Ribeiro, com suas instabilidades, tensões e riquezas:

Nosso destino é nos unificarmos com todos os latino-americanos por nossa oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América anglo-saxônica, para fundarmos, tal como ocorre na comunidade europeia, a Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar. Hoje, somos 500 milhões, amanhã seremos 1 bilhão. Vale dizer, um contingente humano com magnitude suficiente para encarnar a latinidade em face dos blocos chineses, eslavos, árabes e neobritânicos na humanidade futura. Somos povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito mais difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante. Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil é já a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade artística e cultural. Precisa agora sê-lo no domínio da tecnologia da futura civilização, para se fazer uma potência econômica, de progresso autossustentado. Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra (Ribeiro, 1995, p. 332).

Conclusões

O caminho percorrido não foi exaustivo. No entanto, nos permite concluir perfilando uma hipótese em dois passos e uma reflexão.

Primeiro, a hipótese.

Passo um. O processamento intelectual do estremecimento associado ao desmonte da utopia norteadora da “revolução necessária” (ligada ao tema da “universalização do socialismo”) assumiu em Darcy Ribeiro a forma de uma mudança de ênfase. Através dela, foi deixando de pensar na América Latina quase exclusivamente como um espaço passivo no

processo civilizatório e, portanto, subdesenvolvido, dependente e de cultura alienada e espúria, para começar a concebê-la como um âmbito com elementos civilizacionais específicos e promissores. Esta dinâmica não teve lugar de maneira autoproclamada, tampouco completamente linear. Foi um processo tácito, sutil e marcado por assincronismos e dúvidas. Entretanto, sua gênese pode ser datada com bastante precisão. Uma nova relação com a temporalidade desponta em “Venutopias 2003” e se afirma com a virada à literatura, em especial nas páginas de *Utopia selvagem*. Culmina na afirmação da Nova Roma tardia e tropical (já mencionada naquele romance) ao final do itinerário.

Passo dois. No que concerne especificamente a suas futurições, se verifica que, não sem certo paradoxo, nos anos correspondentes à pentalogia (1968-1972) eram mais robustamente otimistas, ou talvez mais teleológicas: a “revolução necessária” era o salvo-conduto ou coringa que permitia superar acrobaticamente todas as encruzilhadas e interrogações. Pelo contrário, na fase posterior, se detecta uma nova disposição dupla nos textos darcyanos: de um lado, aprecia em chave positiva uma série de características latino-americanas e brasileiras e põe em questão a valorização unilateral das sociedades mais avançadas; do outro, visivelmente tematiza incertezas e perplexidades sobre o futuro, em especial o futuro “distante”. Pensando no “médio prazo”, o Darcy Ribeiro dos anos 1980 valoriza, como vimos, a luta para reduzir as assimetrias e as desigualdades, mas o faz ao que parece numa chave mais existencial do que teleológica. Além disso, a aposta está mais na afirmação de uma nova civilização brasileira e latino-americana comparativamente melhor, e menos numa revolução universal. O fato de que a “pequena utopia”, associada tanto às reivindicações identitárias quanto à batalha bela e árdua para reduzir as assimetrias (ambas ligadas, ao menos em parte, ao seu entusiasmo com as dinâmicas de afirmação étnica), se torne às vezes messianismo redentor de maior alcance, pode ser interpretado como uma acrobacia ou um ponto de fuga retórico. Seu olhar sobre o futuro combina, como dissemos, perplexidade e incerteza, conjuradas em parte por vias catárticas, entre as quais talvez caiba incluir o referido messianismo redentor de sabor mestiço-fílico.

Seja como for, nas duas etapas predomina uma disposição que chamamos tecnologista. Não apontamos isto com ânimo crítico, pelo contrário. Muitas das considerações de Darcy Ribeiro, as teóricas, as proféticas e as catárticas, podem ser relacionadas com elaborações muito atuais que questionam o impacto das novíssimas tecnologias sobre a

subjetividade, a política etc. Pensamos, por exemplo, em Éric Sadin, em Byung-Chul Han, em Yuval Harari. Não é um exagero dizer que, em muitos de seus prognósticos, Darcy acertou ou esteve muito perto de acertar. Ao menos no sentido de localizar, com precisão surpreendente, muitos dos temas que, três ou quatro décadas depois, definem as agendas de debate.

Finalmente, a reflexão.

Sugerimos que seria um erro entender que, ao pôr em relevo a trabalhosa forja de uma equação e suas distintas versões, ou ao exibir as lutas entre a voz autoral e outras vozes (entre as quais os desdobramentos da própria voz) e os respectivos contextos, retiramos os méritos teóricos de um pensador. Nosso propósito não foi esse, e sim outro bem distinto: o de historizar para melhor compreender, para estar em condições mais adequadas de peneirar o teoricamente pertinente, de dimensionar o desestabilizador, de praticar o riso catártico, de processar os traços de sabedoria vital que cabe entrever nas elaborações darcianas.

Em sua bricolagem em movimento, há avaliações sobrepostas sobre as etnias indígenas, o mestiço, a natureza, a civilização ocidental, os avanços tecnológicos, a soberania neste campo. Além disso, coexistem, em dinâmica tensão, um tipo de globalismo e uma espécie de nacionalismo – que se move para um latino-americanismo de grande bloco que oscila entre a valorização da mestiçagem e a apreciação em chave positiva dos movimentos de afirmação étnica. A presença destas superposições dinâmicas faz com que o legado de Darcy Ribeiro possa ser recuperado desde distintas chaves de leitura, conforme se acentue uma dimensão ou outra. Pode haver um modo melhor de seguir vivo para um pensador?

Em especial, o segundo Darcy Ribeiro segue vigente nos mais recentes resgates e releituras de sua obra. Não nos surpreende. Cultores de posições pós-coloniais, decoloniais, pluriculturais ou associadas a uma teoria crítica *aggiornada* têm muitas afinidades eletivas com este Darcy Ribeiro mais crítico e afastado do ocidentalismo extremado, da teleologia, do eurocentrismo, do horizonte de uma revolução universal¹³. Em especial, no Darcy Ribeiro

¹³ O que não significa considerá-lo um autor pós-colonial ou decolonial (neste último caso *avant la lettre*), como por exemplo o fazem Miglievich-Ribeiro e Romera Junior (2015). “Todos” os Darcy Ribeiro estiveram muito preocupados com a questão da nacionalidade (brasileira ou latino-americana), muito influenciados pelo marxismo e atravessados pelo tema tecnológico para serem incluídos sem mais nestes rótulos. Darcy Ribeiro em si mesmo não completou nenhum “giro decolonial”. O que não significa que não possa ser reapropriado contemporaneamente desde essa ou desde outra perspectiva. Porém, com a condição de se explicitar que se trata precisamente disto: uma reapropriação. Nosso estudo reivindica um olhar relativamente distante das rotulagens, e mais sensível ao itinerário, à condição de “equação em movimento” que toda obra complexa possui, às vozes – às vezes desdobradas – que a percorrem.

posterior a *circa* 1973, se podem buscar elementos para a reconstrução de uma utopia latino-americana sensível tanto aos processos de mestiçagem quanto às dinâmicas de afirmação étnica e de emergência civilizacional. Também para a valorização, em chave renovada, daquela existência pastoril “pela qual sempre suspiramos”, do “desejo de beleza” e do “acesso à sabedoria”. Igualmente, para o riso libertador suscitado pela extraordinária distopia catártica que é *Utopia selvagem*. Os três caminhos são estimulantes e promissores; combinam de forma singular lucidez extrema e otimismo, pese a todas as perplexidades e incertezas. Vale seguir apostando nos três nestes tempos de relativa ausência de utopias – universais, regionais, nacionais, locais ou de qualquer outra ordem. Darcy Ribeiro nos convida à utopia, possível ou não.

Referências bibliográficas

BAJTÍN, Mijaíl. *Problemas de la poética de Dostoievski*. México, FCE, 2003 [1ª ed. 1979].

BELL, Daniel. “Introducción” a KAHN, Herman, WIENER, Anthony. *El año 2000*. Buenos Aires, Emecé, 1969 [1ª ed. 1967].

COLOMBRES, Adolfo. *América como civilización emergente*. Buenos Aires, Catálogos, 2008.
DEVÉS, Eduardo, KOZEL, Andrés. *Estudios eidéticos. Una conversación desde el Sur sobre la vida de las ideas y la reconfiguración de un espacio disciplinar*. Santiago de Chile, Ariadna, 2018.

DEVINE GUZMÁN, Tracy. “‘Aquí e agora’: a Pátria Grande de Darcy Ribeiro, indigenista”. *Revista Trajetos*, v. 7, n. 13, 2009.

EGIDO, Luciano. *Agonizar en Salamanca. Unamuno, julio-diciembre de 1936*. Barcelona, Tusquets, 2006.

GAOS, José. “La profecía en Ortega”. In: *Sobre Ortega y Gasset y otros trabajos de historia de las ideas en España y la América española. Obras Completas*. México, UNAM, 1992, v. IX [1ª ed. 1946-47].

GOMES, Candido Alberto. *Darcy Ribeiro*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

HARTOG, François. *Regímenes de historicidad*. México, Universidad Iberoamericana, 2007 [1ª ed. 2003].

HERRERA, Amílcar (dir.). *¿Catástrofe o Nueva Sociedad? Modelo Mundial Latinoamericano treinta años después*. Buenos Aires, IDRC-CRID/IIED, 2004 [1ª ed. 1977].

HEYMANN, Luciana Quillet. “The utopian Darcy Ribeiro archive”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 19, n. 1, 2012.

ÍMAZ, José Luis de. *Nosotros, mañana*. Buenos Aires, Eudeba, 1968.

KOZEL, Andrés. “La Utopía salvaje de Darcy Ribeiro”. *Nueva Sociedad*, n. 283, 2019.

_____ “Darcy Ribeiro y el concepto de civilización”. *Cuadernos Americanos*, n. 164, 2018.

_____, PATROUILLEAU, M. Mercedes. “La exploración científica del futuro, antes de la última dictadura”. In: BIAGINI, Hugo, OVIEDO, Gerardo (dir.). *El pensamiento alternativo en la Argentina contemporánea*. Buenos Aires, Biblos, 2016, Tomo III.

MEADOWS, Donella. *Los límites del crecimiento: informe al Club de Roma sobre el predicamento de la humanidad*. México, Fondo de Cultura Económica, 1972.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia, ROMERA JUNIOR, Edison. “Vozes dissidentes e modernidades dissonantes na América Latina: legados e projetos de Bolívar e Martí em Darcy Ribeiro”. *Civitas*, v. 15, n. 3, 2015.

MIGNOLO, Walter. “Globalização, processos de civilização, línguas e culturas”. *Cadernos CRH*, n. 22, 1995.

OLIVA DOS SANTOS, Luzia Aparecida. *O percurso da indianidade na literatura brasileira*. São Paulo, UNESP, 2009.

PEREIRA GOMES, Mércio. “Darcy Ribeiro, antropólogo”. In: RIBEIRO, Darcy. *Las Américas y la civilización. Proceso de formación y causas del desarrollo desigual de los pueblos americanos*. Caracas, Ayacucho, 1992, pp. 531-541.

RIBEIRO, Darcy. *El proceso civilizatorio: de la revolución agrícola a la termonuclear*. Buenos Aires, CEAL, 1971 [1ª ed. 1968].

_____. *Las Américas y la civilización. Proceso de formación y causas del desarrollo desigual de los pueblos americanos*. Caracas, Ayacucho, 1992 [1ª ed. 1969].

_____. *El dilema de América Latina. Estructuras de poder y fuerzas insurgentes*. México, Siglo Veintiuno, 1971.

_____. “La civilización emergente”. *Nueva Sociedad*, n. 73, 1984, pp. 23-37.

_____. “Venutopías 2003”. In: *Indianidades y venutopías*. Buenos Aires, Ediciones del Sol / CEHASS, 1988a [1ª ed. 1973].

_____. “El abominable hombre nuevo”. In: *Indianidades y venutopías*. Buenos Aires, Ediciones del Sol / CEHASS, 1988b.

_____. *Utopia selvagem. Saudades da inocência perdida. Uma fábula*. São Paulo, Global, 2014 [1ª ed. 1982].

_____. *América Latina: a Pátria Grande*. São Paulo, Global, 2017 [1ª ed. 1986].

_____. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Global, 2015 [1ª ed. 1995].

RIBEIRO COELHO, Haydée, ROCCA, Pablo (organização, estudos e notas). *Diálogos latino-americanos. Correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo, Global Editora, 2015.

_____. “O exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai”. *Aletria*, v. 9, 2002, pp. 211-225.

VARSAVSKY, Óscar. *Proyectos nacionales. Planteo y estudios de viabilidad*. Buenos Aires, Periferia, 1971.

VIDAL COSTA, Adriane. “Notas de pesquisa. Darcy Ribeiro no Uruguai, Venezuela, Chile e Peru – exílio, redes intelectuais e circulação de ideias (1964-1976)”. Seminario Interinstitucional de “Historia Intelectual de América Latina”, El Colegio de México/UAM-Cuajimalpa/Universidad de Colima, 31 de maio de 2021.

Os futuros de Darcy Ribeiro

Resumo: O artigo aborda os diversos futuros presentes na obra de Darcy Ribeiro. Nele propõe-se uma classificação abrangendo em sequência cronológica três momentos destas futurizações: o da “revolução necessária”, o da “crise do tempo” e o da “utopia possível”. A partir de suas reflexões, relevantes por si mesmas, sugere-se ser possível circunscrever aspectos chave da experiência latino-americana de “crise do tempo” e “mudança de regime de historicidade”. Por fim, defende-se a atualidade da obra de Darcy Ribeiro e de alguns de seus futuros. Adicionalmente, destaca-se a própria vigência da inquietude futurizante e do ato de futurizar como elementos imprescindíveis em sociedades como as nossas, que sofrem de dificuldades para projetar-se ao futuro.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro; futuros; Brasil; América Latina

Los futuros de Darcy Ribeiro

Resumen: El artículo aborda los futuros diversos presentes en la obra de Darcy Ribeiro. Propone una clasificación considerando en secuencia cronológica tres momentos de estas futurizaciones: la “revolución necesaria”, la “crisis del tiempo” y la “utopía posible”. A partir de sus reflexiones, relevantes per se, sugiere ser posible circunscribir aspectos clave de la experiencia latinoamericana de “crisis del tiempo” y de “cambio de régimen de historicidad”. Finalmente, defiende la actualidad de la obra de Darcy Ribeiro y de algunos de sus futuros. Además, destaca la vigencia misma de la inquietud futurizante y del acto de futurizar como elementos imprescindibles en sociedades como las nuestras, que sufren de dificultades en proyectarse hacia el futuro.

Palabras clave: Darcy Ribeiro; futuros; Brasil; América Latina.

The futures of Darcy Ribeiro

Abstract: The article addresses the various futures in the work of Darcy Ribeiro. It proposes a classification covering three moments in the development of these futures, in chronological order: the “necessary revolution”, the “time crisis” and the “possible utopia”. Based on his reflections, which are relevant in themselves, the article suggests that it is possible to circumscribe key aspects of the Latin American experience of “time crisis” and change between “regimes of historicity”. Finally, it defends the actuality of Darcy Ribeiro’s work, and of some of his futures. Furthermore, it highlights the very existence of futurizing restlessness and the act of futurizing as essential elements in societies like ours, which suffer from difficulties in projecting themselves into the future.

Keywords: Darcy Ribeiro; futures; Brazil; Latin America.